

Iceland
Liechtenstein
Norway grants

Ilha do Corvo

Reservas da Biosfera Territórios Sustentáveis, Comunidades Resilientes



Operador do Programa



REPÚBLICA
PORTUGUESA

AMBIENTE E AÇÃO CLIMÁTICA

Promotor



Quatenaire
Portugal

1. A Reserva da Biosfera da Ilha do Corvo (RBIC)

1.1. INTRODUÇÃO

A Reserva da Biosfera da Ilha do Corvo (RBIC) foi reconhecida em setembro de 2007 como Reserva da Biosfera da UNESCO. Este reconhecimento internacional reflete as características ambientais, patrimoniais e culturais únicas da Ilha do Corvo. A Reserva da Biosfera inclui toda a área terrestre e uma zona marinha envolvente, cobrindo uma área total de 25 853 hectares. No âmbito da RBIC incluem-se zonas protegidas como o Parque Natural de Ilha do Corvo, sítios da Rede Natura 2000, zonas húmidas incluídas nos Sítios Ramsar, Áreas Importantes para as Aves- IBA e o Geoparque Açores.

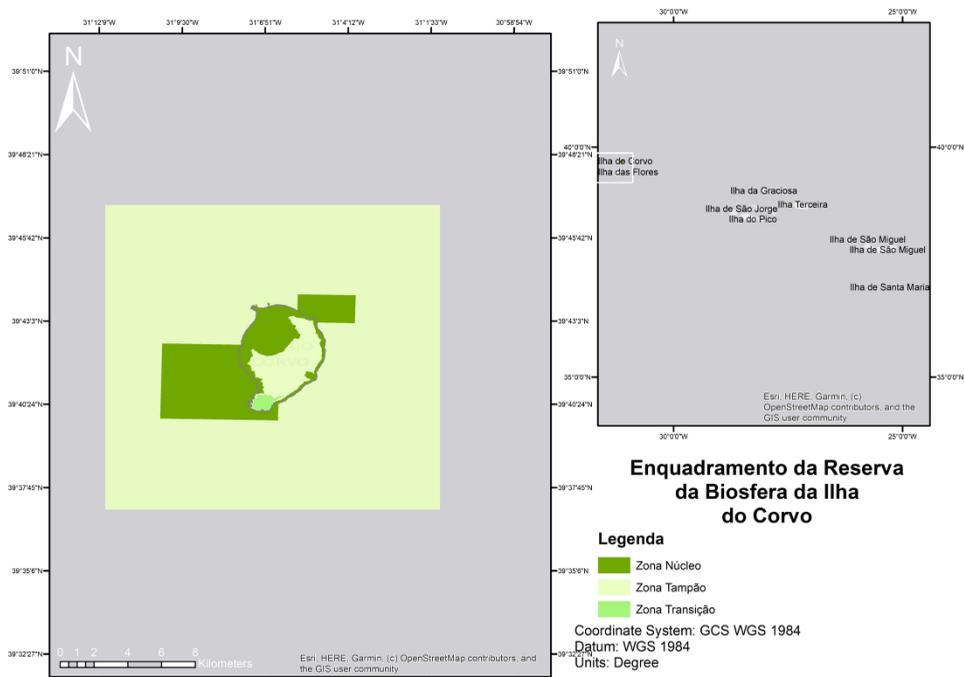


Fig. 1 – Enquadramento da Reserva da Biosfera da Ilha do Corvo



A ilha do Corvo, de forma aproximadamente oval e orientada no sentido norte-sul, é a ilha mais setentrional do arquipélago açoriano, na mesma latitude do Cabo Carvoeiro. Localiza-se sobre a placa tectónica norte-americana, tal como a ilha das Flores. Com apenas 6,5 km de comprimento e 3 km de largura máxima, é a mais pequena ilha dos Açores, com 17,1 km². A ilha do corvo foi a última ilha do arquipélago assinalada por Diogo de Teive, em 1452 e povoada a partir de 1548.

A área terrestre da RBIC é morfologicamente dominada pelo seu vulcão central, com um diâmetro médio de 5 km ao nível do mar com uma caldeira de subsidência no topo, conhecida como o Caldeirão, com uma profundidade máxima de 300 metros. A RBIC revela um conjunto de paisagens e ecossistemas complexo, com habitats naturais terrestres muito diversos. Destacamos a este nível as charnechas macaronésicas endémicas, as turfeiras altas ativas, as turfeiras de cobertura e as turfeiras arborizadas, das mais antigas do país. Na zona costeira e marinha sobressaem os recifes e grutas semi-submersas. A sua flora possui alguns endemismos importantes assim como ao nível da fauna, essencialmente devido á importância da avifauna. A RBIC é um destino de birdwatching estrategicamente localizado na proximidade do continente americano.

O clima é de uma maneira geral ameno e húmido, com temperaturas médias que oscilam entre os 14 °C e os 22 °C, com uma precipitação regular ao longo do ano, com maior incidência nas zonas mais elevadas. Os níveis de precipitação são responsáveis pela fertilidade dos solos e pela existência dos recursos hídricos, de que são exemplo as ribeiras da Cancela do Pico, da Picada, do Cerrado das Vacas e da Ponte.

A ilha do Corvo destaca-se por uma ocupação humana muito reduzida, constituindo um território de baixa densidade populacional, concentrada num único núcleo urbano a sul. Os campos de cultivo contornam o núcleo urbano que se estendem pelas encostas exteriores e interiores, do Caldeirão. As pastagens predominam e embelezam a paisagem, através da compartimentação por muros de pedra seca, sebes vivas e palheiros dispersos.

A agricultura e pecuária são a base da economia da ilha. Nos últimos anos a importância do gado bovino relativamente a outros tipos de gado e à agricultura, tem vindo a crescer significativamente. Consequentemente regista-se uma expansão das áreas de pastagem e redução de tipos de exploração. A pesca foi desde sempre uma atividade complementar para a população da ilha e só a partir de meados dos anos 1980 se revelou economicamente importante, devido à exportação em frio do pescado.

Na RBIC podemos encontrar diversas técnicas de exploração artesanais ligadas à produção agrícola, à pecuária e à pesca. Estas práticas estão na base da riqueza que ali se encontra ao nível do património natural e cultural.

A Vila do Corvo caracteriza-se pelas suas ruas estreitas, estrategicamente desenhadas para proteção dos ventos fortes, pelas casas tradicionais e pelos moinhos localizados ao longo da linha litoral. Na RBIC um conjunto de elementos do património material e imaterial enriquecem esta região com são o caso do queijo artesanal do Corvo, das fechaduras de madeira, das barretas e as festividades culturais e religiosas, com destaque para o culto do Espírito Santo.

A ilha do Corvo está consciente da importância do turismo e tem investido na criação de espaços como o ecomuseu, onde se promove a cultura e o património e a preservação da avifauna. No conjunto, os percursos pedestres, o mergulho, as paisagens e o birdwatching, constituem elementos muito importantes na oferta turística exclusiva que a RBIC proporciona.

2. Roteiro Turístico da Reserva



2.1. PAISAGENS

A RBIC concentra uma elevada riqueza ao nível da fauna, da flora e da paisagem, destacando em particular a importância das aves nesta RB. Do ponto de vista paisagístico, as unidades de paisagem distribuem-se pelas Arribas, pelo Caldeirão, a Encosta Oriental e a Vila do Corvo.

- O **Caldeirão**, situado no Monte Gordo, é uma enorme caldeira de colapso implantada no topo do vulcão central da ilha do Corvo. A partir do seu rebordo pode observar-se o mar e o horizonte praticamente ao longo de todo o seu perímetro. Com 300 metros de profundidade e 3.400 metros de perímetro, a lagoa com uma profundidade máxima de 2 metros, capta a água das chuvas. Observam-se aqui alguns cones vulcânicos de pequena dimensão, que segundo a cultura açoriana representam as nove ilhas dos Açores. As vertentes mais íngremes e inacessíveis revelam um melhor estado de conservação natural, sobretudo quando comparadas com a encosta norte, onde o declive é menos acentuado, possibilitando as pastagens de gado bovino. O ponto mais alto da encosta do Caldeirão, com cerca de 720 m de altura, é conhecido como Morro dos Homens. Nesta Caldeira registam-se diversos habitats húmidos, como turfeiras e prados encharcados, os quais conferem ao Caldeirão do Corvo uma beleza cénica única.
- A **Ponta do Marco**, um geosítio prioritário, localiza-se no extremo noroeste da ilha do Corvo. Consiste numa elevada falésia litoral moldada pela erosão marinha, associada ao principal vulcão da ilha. As suas arribas são elevadas e escarpadas, com alturas entre os 500 a 610 m. Os ilhéus do Marco e do Torrão, integram este geosítio e estão separados da ilha devido a mecanismos de erosão. Estes ilhéus, muito procurados por mergulhadores experientes, concentram uma abundante diversidade de peixes de fundo como meros (*Epinephelus marginatus*), badejos (*Mycteroperca fusca*) e ratões (*Dasyatis pastinaca*).



Projeto Reservas da Biosfera | 09_CALL#3
ID64 | Concurso de fotografia (Mia Rose)



- A **Cova Vermelha**, situada na vertente sul do vulcão central, corresponde a uma cratera de um cone de escórias chamado de Coróinha. No topo da arriba vizinha, podem observar-se afloramentos de escoadas lávicas basálticas. A Coróinha é o maior vulcão monogenético do Corvo, com diâmetro basal médio de 900 m. Nas paredes do cone observam-se diversas bombas vulcânicas. Na Cova Vermelha regista-se a ocorrência de cinzas e lapilli finos avermelhados, materiais que são transportados pelos pequenos cursos de água a partir da nascente presente nesta cratera, que conferem um tom avermelhado á água e que está na origem do seu nome.
- A **Arriba do Pingas** é percorrida densamente por filões desde a base até ao topo da arriba. Estes afloramentos são os mais antigos da ilha, com uma idade estimada entre 1 e 1,5 milhões de anos, compostos por tufos surtesianos submarinos e por escoadas lávicas basálticas subaéreas.
- A **Fajã Lávica** apresenta uma superfície aplanada, onde se localiza a Vila do Corvo. A Fajã originou-se a partir das escoadas lávicas basálticas emitidas pelo Morro da Fonte, um cone de escórias sobranceiro à vila. Grande parte da Fajã Lávica está coberta por depósitos de pedra pomes e outros depósitos piroclásticos associados à formação do Caldeirão. Esta Fajã apresenta também uma escoada lávica basáltica emitida a partir da zona do Pão de Açúcar, sendo o último episódio eruptivo ocorrido na ilha, há cerca de 80 a 100 mil anos atrás. A Fajã Lávica, limitada a norte por uma arriba fóssil, apresenta diversos cordões lávicos litorais, os "caneiros" do Corvo, um local privilegiado para o mergulho.



2.2. BIODIVERSIDADE

Flora

A RBIC é um local único, com temperaturas amenas ao longo do ano, uma precipitação elevada, uma biodiversidade muito rica, características geológicas interessantes e reduzida intervenção humana.

Ao nível da flora a RBIC concentra a maior quantidade de espécies endémicas do arquipélago dos Açores, por quilómetro quadrado. Na RBIC encontramos 95 endemismos, dos quais 59 são endemismos do arquipélago dos Açores, 19 são endemismos da Macaronésia e 17 endemismos da Europa.

A ilha é rica em flora nativa, com destaque para o cedro-do-mato (*Juniperus brevifolia*), o pau-branco (*Picconia azorica*), o louro-da-terra (*Laurus azorica*), o tamujo (*Myrsine africana*) e o azevinho (*Ilex perado* ssp. *Azorica*). Também se encontram espécies raras de plantas, entre as quais algumas das mais raras e ameaçadas dos Açores, como a não-me-esqueças (*Myosotis azorica*), a *Veronica dabneyi* e a *Cerastium azoricum*. Na RBIC encontramos um dos briófitos mais ameaçados do mundo, o *Echinodium renauldii*.

Fauna

Relativamente à fauna, a RBIC concentra maioritariamente espécies de avifauna, estando registadas oito subespécies endémicas dos Açores e uma subespécie endémica da Macaronésia. Na RBIC nidifica uma das mais importantes colónias de cagarro (*Calonectris borealis*) do arquipélago dos Açores. Destacam-se também as colónias de garajau-comum (*Sterna hirundo*), painho-da-Madeira (*Hydrobates castro*) e podem também avistar-se outras espécies mais raras como o garajau-rosado (*Sterna dougalii*), o frulho (*Puffinus lherminieri baroli*) e o estapagado (*Puffinus puffinus*).

A nível terrestre o canário-da-terra (*Serinus canaria*), o melro-preto (*Turdus merula azorensis*), a estrelinha (*Regulus regulus inermis*) e o pombo-torcaz-dos-Açores (*Columba palumbus azorica*) são as espécies de aves mais comuns.

Existem também invertebrados endémicos, em particular artrópodes terrestres, com 24 endemismos dos Açores e seis endemismos da Macaronésia. De salientar também duas espécies endémicas da RBIC o caso da cigarrinha-das-árvores (*Cixius azoforesis*) e a borboleta castanha (*Hipparchia azorina*), espécie em risco de extinção que só existe no grupo ocidental. Ao nível dos mamíferos, particular destaque para dois morcegos, o morcego dos Açores (*Nyctalus azoreum*) e o morcego da Madeira (*Pipistrellus maderensis*).





Projeto Reservas da Biosfera | 09_CALL#3
ID64 | Concurso de fotografia (Catarina Brasil)

2.3. PATRIMÓNIO HISTÓRICO-CULTURAL

A ilha do Corvo, foi descoberta em 1452 pelo navegador português Diogo de Teive. Contudo, existem indícios que estas ilhas já eram conhecidas desde o século XIV. As ilhas do arquipélago dos Açores permaneceram pristinas até o século XV. O povoamento da Ilha do Corvo não foi fácil, aconteceu pela mão do Capitão-Donatário das ilhas das Flores e do Corvo, Gonçalo de Sousa, com o envio de escravos da sua confiança, como agricultores e criadores de gado em 1548. A estes juntaram-se famílias vindas das ilhas das Flores, Terceira, da Madeira e do norte de Portugal.

O isolamento geográfico, associado às altíssimas taxas e impostos devidos à coroa, foram desde sempre as principais condicionantes desta população, reduzida a um estilo de vida de sobrevivência. Estes aspetos permanecem impressos nas pequenas casas de pedra centenárias da parte mais antiga da vila, muitas das quais habitadas, com divisões exíguas, com pouco conforto e sem luxos. Algumas destas construções manifestam características arquitetónicas históricas.

A ilha do Corvo, devido às suas fracas defesas, foi sempre muito vulnerável a ataques de piratas e de corsários, estacionados ao largo do arquipélago, que atacavam sobretudo as embarcações oriundas das Américas e Ásia, carregadas de mercadorias. Procuravam nas ilhas Açoreanas água e mantimentos, durante a sua permanência nas águas dos Açores, sendo a ilha do Corvo um dos alvos preferenciais.

Para se protegerem dos ataques os habitantes da ilha do Corvo escavaram em vários locais diversos esconderijos denominados “Covas de Junça”. Estes esconderijos, consistiam em silos subterrâneos em forma de ânfora, com um diâmetro de um metro e meio a dois metros e uma altura de cerca de dois metros. A única abertura no topo era tapada por uma pedra, passando despercebida no meio da paisagem.

As casas típicas da RBIC têm dois pisos, com as denominadas “lojas” e a cozinha no piso inferior e os quartos no piso superior.

A única povoação da RBIC está implantada numa Fajã lávica que constitui a principal superfície aplanada da ilha. Caracteriza-se pelas fachadas de pedra negra, com debruado branco nas janelas e nas portas, ruas estreitas, calcetadas com seixos rolados e lajes polidas pelo uso, designadas por canadas. Os muros de pedra talhada, os moinhos de vento, as atafonas, as eiras e os palheiros, casas rústicas feitas de basalto onde se guardavam as alfaias e as forragens, são outros elementos da cultura patrimonial que podemos encontrar na RBIC.



A religiosidade, as festividades, a devoção fervorosa a Nossa Senhora dos Milagres e ao Divino Espírito Santo e o forte sentido comunitário, expressam o isolamento e as dificuldades, sentidas na ilha do Corvo.

A emigração entre os anos 1960 e 1980, teve um impacto significativo na taxa de natalidade e redução da população residente para cerca de metade. Atualmente assiste-se a um ligeiro crescimento da população, sustentada sobretudo por uma cultura única da RBIC. A preservação da identidade através da valorização dos produtos endógenos, como a gastronomia, o artesanato, o património edificado e o património cultural, como o folclore, as festividades religiosas e as lendas, como a Lenda do Cavaleiro da Ponta do Marco, muito têm contribuído para o desenvolvimento sustentável da RBIC.



2.4. GASTRONOMIA

Na gastronomia local, destacam-se pratos como as couves do barça, que inclui carnes de porco salgadas, cozidas juntamente com couve picada. O prato serve-se com batata-doce e pão de milho, que é produzido localmente em fornos de lenha. Este pão é o acompanhamento habitual nos pratos mais tradicionais, assim como as tortas de “erva do calhau”, uma espécie de bolos de farinha e ovos com algas marinhas, da costa corvensa. Destaque ainda para as sopas fritas, o inhame com linguíça, a batata-doce com torresmo e o molho-de-figado, para além de pratos de peixe e marisco.

O queijo artesanal do Corvo, é um queijo de pasta semidura e cor amarelada e tem um sabor persistente e um ligeiro toque picante, sendo também um produto regional muito apreciado.

Na doçaria, destaque para os doces associados às festas do Espírito Santo onde as filhós e os folares de Páscoa são presença habitual.



2.5. EVENTOS/ FESTIVIDADES

- A **Festa de Nossa Senhora dos Milagres**, realiza-se a 15 de agosto, em homenagem à padroeira da Ilha. É uma festa alusiva ao auxílio prestado pela Virgem Maria, sua Padroeira, que a população da ilha do Corvo acredita ter sido a responsável pela defesa de um ataque de piratas à ilha. A igreja onde se celebram as festividades tem o seu nome e está localizada no centro da vila. Esta igreja tem sido alvo de vários processos de reconstrução devido a várias ocorrências, como o incêndio em 1932. A celebração religiosa do dia 15 de agosto atrai muitos visitantes para além dos habitantes da ilha, sobretudo da ilha das Flores, à qual se associam momentos de música e de etnografia.
- A **Festa de São Pedro** a 29 de junho, mais conhecida como Festa dos Pescadores, inclui uma procissão, o sermão no cais, seguidos de arraial.
- No dia 20 de junho acontece a festa do feriado municipal.
- A **Festa do Espírito Santo**, tal como acontece nas restantes ilhas do arquipélago é na Ilha do Corvo muito importante, quer ao nível da reunião das pessoas, quer na manutenção das tradições. É um período onde regressam muito emigrantes, que anualmente celebram o Espírito Santo participando na missa, na procissão da coroação e ainda no bodo, partilhando pão e carne. A partilha do queijo, no decorrer das celebrações, é uma tradição exclusiva da ilha do Corvo.
- O **Festival dos Moinhos** associa-se à festa da padroeira da ilha. É o único festival da RBIC e tem um papel muito importante na atracção de visitantes que vem essencialmente da vizinha Ilha das Flores. Este festival é muito importante para os jovens da Ilha do Corvo e representa um atrativo interessante para a economia local, nomeadamente ao nível do alojamento local, pois verifica-se uma duplicação da população na ilha neta período. A oferta gastronómica complementa a oferta à qual se junta o cartaz musical regional e nacional.





2.6. MUSEUS E PARQUES

- O **Ecomuseu do Corvo** é um museu etnográfico na RBIC. É um espaço dinâmico através do qual a comunidade corvina preserva, interpreta e gere o seu património cultural, natural, humano e paisagístico, sustentado por um modelo de desenvolvimento sustentável. Aqui está representado todo um território e a sua relação com a comunidade.
- No **Centro de Interpretação de Aves Selvagens** do Corvo explora-se a temática das aves selvagens que ocorrem no arquipélago, bem como a prática de observação de aves. Os equipamentos multimédia, permitem aceder a diferentes conteúdos, relacionados com a avifauna. Oferece uma experiência de realidade virtual, através da qual se pode conhecer a ilha e conseguir uma melhor compreensão sobre a interação do Homem com o ambiente.
- O **Centro de Reabilitação de Aves Selvagens** do Corvo é um espaço pioneiro no Arquipélago dos Açores, onde se disponibilizam as condições necessárias ao tratamento das aves selvagens. Diretamente relacionado com a conservação da natureza, resgata aves selvagens feridas, debilitadas ou em risco, reabilita e devolve-as ao meio natural. Tem um papel fundamental na sensibilização ambiental, envolvendo a população, com particular ênfase na importância da preservação e manutenção da biodiversidade corvense.
- A **Casa do Bote** na ilha do Corvo que funciona como posto de turismo integra um Núcleo Museológico que integra aspetos do património material e imaterial da ilha. Neste espaço encontram-se um bote baleeiro recuperado e uma réplica de uma casa de aprestos, juntamente com um acervo multimédia de mais de um Século de História. O conjunto inclui 500 fotografias do espólio fotográfico do Príncipe Alberto I do Mónaco, que esteve na ilha em missão científica.



2.7. ARTESANATO

Na ilha do Corvo, destaque para as boinas e bonés, mais conhecidos por barretas, feitos com lã de carneiro. A cor tradicional das barretas é o azul-escuro, com uma faixa de motivos decorativos em branco. A sua origem está associada às viagens marítimas entre o Corvo e os Estados Unidos da América na busca melhores condições de vida, onde os homens Corvinos tricotavam juntamente com os marinheiros. No regresso à ilha do Corvo transmitiram esta aprendizagem às suas mulheres.

Os Corvinos recorrendo às matérias-primas existentes na ilha, construíram as suas próprias fechaduras, feitas na totalidade em madeira de cedro, incluindo a própria chave. Tiveram origem na necessidade de salvaguardar dos ventos do inverno as suas habitações e constituem atualmente um artesanato típico, com a reutilização de matérias-primas, sendo por vezes utilizada madeira proveniente de antigas construções. As fechaduras da ilha do Corvo, mais do que um elemento de artesanato, são um ícone da identidade sociocultural da RBIC.



2.8. PERCURSOS PEDESTRES

Percorrer os trilhos da RBIC é uma experiência inesquecível. O conjunto composto pela zona montanhosa, onde se inclui o vulcão que deu origem à ilha, juntamente com a paisagem à beira-mar, as zonas de pastoreio delimitados pelas divisórias naturais ou muros de pedra, típicos da paisagem dos Açores, as vistas para a ilha das Flores e a Cara de Índio-uma rocha erodida, conferem aos percursos da RBIC um valor extraordinário. São dois os percursos assinalados, o PRC02-Caldeirão (<https://trails.visitazores.com/pt-pt/trilhos-dos-acoress/corvo/caldeirao>) e o PR01 - Cara do Índio (<https://trails.visitazores.com/pt-pt/trilhos-dos-acoress/corvo/cara-do-indio>).



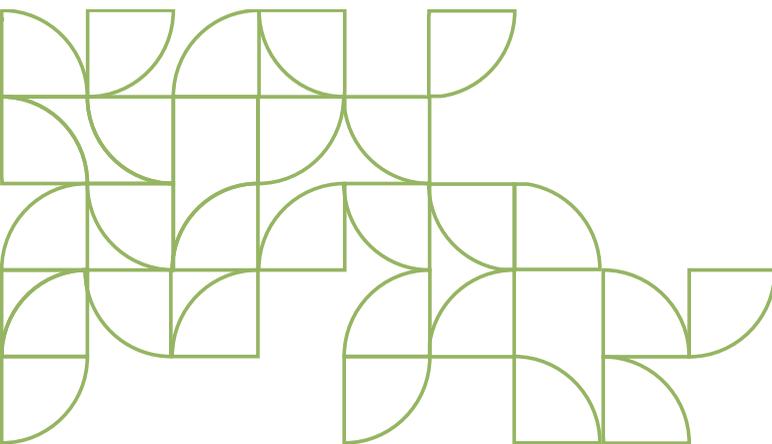
Reservas da Biosfera: Territórios Sustentáveis, Comunidades Resilientes

As Reservas da Biosfera (RB) representam o compromisso da salvaguarda do património natural de territórios singulares em harmonia com as comunidades, valorizando a sua identidade e património social e cultural. A rede mundial de RB dá expressão à Agenda 2030 e aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) a nível local, apoiada nos pilares da UNESCO: educação, ciência, cultura e informação.

Este Projeto assenta na qualidade ambiental dos territórios das RB, em larga medida decorrente do empenho e trabalho realizado pelas entidades responsáveis.

Visa a valorização dos territórios, em estreita articulação com as comunidades, compreendendo os ativos patrimoniais e a promoção dos serviços de ecossistema, apostando no reforço de competências, assumindo uma estratégia de valorização e comunicação assertiva e inovadora, e adotando um modelo de governança exigente e colaborativo.

O Projeto teve início em novembro de 2020 e tem uma duração de 34,5 meses. É financiado pelo EEA Grants 2014-2021, no âmbito do Programa "Ambiente, Alterações Climáticas e Economia de Baixo Carbono" promovido pela Secretaria-Geral do Ambiente e Ação Climática.





Iceland
Liechtenstein
Norway grants

Reservas da Biosfera: territórios sustentáveis, comunidades resilientes

PARCERIA E EQUIPA

